



Família de índios corrupakus no rio próximo à Casa do Índio. Francisco Félix prepara tinta, observado por Célia Cecília e as filhas Olívia e Mariana

SAÚDE INDÍGENA

Casa do Índio não tem recursos

Lúcia Carla Gama

Os 60 índios que estão internados na Casa do Índio, no km 25 da AM-10, não têm alimentação e medicamentos suficientes, além das condições de sobrevivência no local não serem satisfatórias. A Casa do Índio existe para dar assistência à saúde dos indígenas fora das aldeias.

De acordo com a índia tukana Amélia Peixoto, 54, que está acompanhando o filho José Antônio Peixoto, 22, um médico atende os índios diariamente, mas os problemas continuam. "Tudo aqui é difícil, nem farinha para comer nós temos", disse ela.

Amélia e José Antônio são da comunidade de Pari-Cachoeira, no município de São Gabriel da Cachoeira (a 858 quilômetros de Manaus) e estão na Casa do Índio há um mês. José Antônio levou uma facada no braço e antes de chegar ao lugar passou 20 dias internado no pronto-socorro 28 de Agosto.

"Ele perdeu todo o sangue do corpo e ficou tão fraco que não consegue mais andar", contou Amélia. Segundo ela, o médico disse que

Faltam remédios e alimentos para os 60 internados na Casa do Índio, na estrada AM-10

José precisa fazer fisioterapia, mas antes precisa tratar o ferimento do braço, o que está demorando a acontecer pela falta de medicação. "Outro dia eu mesma dei dinheiro para uma auxiliar de enfermagem daqui comprar copinha para eu passar no ferimento dele. E não foi a primeira vez que fiz isso", disse.

A índia canamará Iracema Pereira, 34, vive o mesmo drama de Amélia e José. Ela e o marido, João Pereira, 43, estão há um mês e dois dias na Casa do Índio, para onde Iracema foi encaminhada para tratar de reumatismo.

Quase parálitica, Iracema conta que nunca tomou medicamento receitado pelo médico. "O doutor

me perguntou um dia desses se ela sentia que melhorava com o remédio e eu fiquei sem poder dizer nada porque entreguei a receita para o pessoal daqui e nunca recebi o remédio. Eles dizem que não têm dinheiro para nada", contou João.

O diretor da Fundação Nacional do Índio (Funai), Benedito Rangel de Moraes, admitiu que a Casa do Índio passa uma crise grave e afirmou que isso está acontecendo porque o decreto do governo federal de 8 de setembro determinou o corte de verbas dos órgãos públicos.

"Para conseguir as coisas estamos tendo que empenhar nossa palavra e usando o crédito que temos na praça. Não há dinheiro para compra de alimentos, medicamentos e nem combustível", disse Rangel.

Rangel tem esperança de que a partir do dia 1º de novembro a situação melhore, quando o governo federal deverá voltar a repassar verba. "Nem gosto de imaginar como ficará a situação se o repasse de verbas não for normalizado porque aí ficaremos devendo mesmo, já que estamos usando crédito para conseguir o necessário".

Corrupakus querem voltar para aldeia

O índio corupaku Francisco Félix, 32, a esposa, Célia Cecília, 28, e suas duas filhas, Olvíia, 3, e Mariana, 1, estão na Casa do Índio há dois meses e meio. Eles são da comunidade de Içana, no município de São Gabriel da Cachoeira. Mariana chegou ao local com pneumonia. Com cerca de 20 dias que estavam no local Olvíia acabou tendo uma diarreia e o casal, que pensava que estivesse próximo de ir embora — Mariana estava quase boa — acabou tendo que ficar mais tempo. “Agora não sei porque não nos deixam ir, as duas já estão boas. Não sentem mais nada, não choram, e não conseguimos voltar para nossa casa. Dizem que não tem barco para lá”, contou o índio.

Francisco Félix afirma que está preocupado com o resto da família, dois filhos pequenos que deixou em Içana sob os cuidados dos avós e tem saudades do trabalho na roça. "Não gostei da cidade. Foi a primeira vez que vim em Manaus e quero voltar tão cedo", afirmou o índio, que passa a maior parte do tempo tomando banho de rio com a família. "É muito quente dentro das casinhas e as crianças choram muito. Além disso, na água dá para preparar a tinta para fazer artesanato".

Organizações irão propor melhorias

O secretário da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coiab), Jadir Neves da Silva, e um dos membros da coordenação do Centro Indigenista Missionário (Cimi) Norte 1 Egon Dionísio, que estiveram ontem na Casa do Índio, disseram que as duas instituições vão elaborar propostas para a Funai.

“Não podemos deixar que estas pessoas continuem sendo submetidas a condições sub humanas de sobrevivência”, disse Egon, chamando a atenção para as ocas onde os índios ficam instalados. “Estes locais são quentes, abafados. A ventilação é inexistente e nem os aparelhos de ventilador conseguem minimizar o calor”, afirmou.

Jadir disse ser necessário chamar atenção das entidades governamentais para que a política de saúde indígena não seja esquecida. "Os índios não podem morrer. A situação aqui está tão difícil que nem farinha eles têm para comer".

Eles pensam em realizar uma nova campanha de arrecadação de recursos, como a que foi realizada no ano passado, mas observam que será inútil caso não haja modificação na forma de administrar.